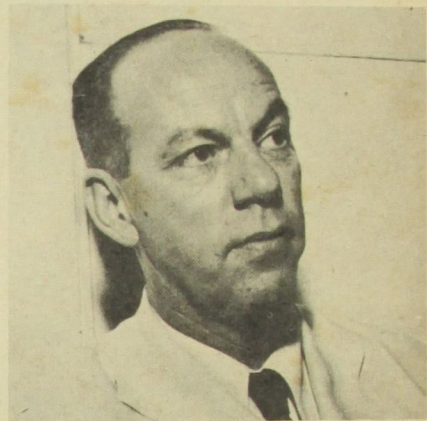


GENTE DA CIDADE



Mario Cabral
o saudoso

Pouca gente sabe que o advogado e pianista Mário Cabral é, na verdade, Mário Greenhalgh Cabral, e que esse sobrenome lhe atrazou a vida, pois aos 15 anos, quando veio de Santa Catarina para o Rio, a família resolveu que ele entraria para a Marinha, como convém a um Greenhalgh; porém o rapaz jamais conseguiu saber as matemáticas suficientes para ingressar na Escola Naval e acabou fazendo o que os rapazes que não sabem o que fazer acabam fazendo: entrou para a Faculdade de Direito.

Tendo nascido em Laguna em 1911, (a 22 de fevereiro, dia de Chopin, o que ele acha lindo) estudou no colégio dos jesuitas de Florianópolis, foi congregado mariano, aperfeiçoou o piano que a mãe lhe ensinara e tocou órgão. Na Faculdade da rua do Catete foi colega de Barreto Pinto, Alzirinha, João Condé, Dante Viggiani, Zé Honório Rodrigues, Marques Rebelo e outros bons e maus elementos; ganhava sua vida tocando piano no rádio a 30 mil réis a noite e perdeu um ano na escola para não deixar de ir a Porto Alegre acompanhando Carmen Miranda. Acompanhou todos os cantores daqueles tempos de "cachet" e dava duro no "Programa Casé" onde Noel era contra-regra. ("Não escreva que fui amigo dele, hoje em dia todo mundo foi, e além disso nunca fui seu companheiro de boemia, apenas de trabalho e papo"). Estudou piano com Terán e harmonia com Lorenzo Fernandez, morou mais de um ano na casa de Álvaro Moreyra ("eu estava doente e mal; Alvinho foi formidável, dona Engênia foi um anjo para mim") e depois em um apartamento do Edifício Olinda com Carlos Lacerda.

R. B.

“Suíte” 200

A convite de um amigo subo no sábado para Quitandinha. Somos quatro pessoas, e na portaria temos uma notícia desagradável: não há nenhum apartamento vazio. Pedimos para falar ao gerente, que sabemos um homem de grande gentileza, na esperança, sempre muito brasileira, de que ele possa dar um jeito. O gerente consulta a lista dos apartamentos, vê os que estão ocupados ou reservados. Coça a cabeça.

— Só se eu lhe der o apartamento presidencial...

Deve ser mais caro, mas meu amigo aceita. Nossas malas são levadas para a “suíte” 200. Dois salões imensos de frente, com grandes retratos a óleo do último imperador e da última imperatriz, gravuras de Debret, flôres de Bianco. Copa, cozinha, geladeira, banheiro de empregada, sala de jantar. Dois quartos de casal, dois excelentes banheiros revestidos de mármore. Como estou solteiro, um empregado me diz:

— O senhor dormirá na biblioteca.

Quero passar esse fim de semana sossegado, e me agrada ficar entre livros. Como os móveis não podem ser tirados do lugar, vem um empregado armar para mim uma cama patente de solteiro. Já dormi muito pior em minha vida, e acho engraçada aquela modesta caminha patente entre grossas poltronas e gordos sofás. Mando deixar a mala a um canto, arrumo alegremente o paletó nas costas de uma cadeira e vou vêr os livros.

A biblioteca presidencial tem isso de notável, embora não de inesperado: tem estantes, mas não tem livros...

Mas há uma grande mēsa com muitas gavetas, uma pasta de couro, um tinteiro, uma caneta com pena dourada.

Sento-me a essa grande mēsa, pego a caneta, fico um momento hesitante. Lá fora, ao longo da sacada que dá para o lago, há dois mastros de bandeira. Certamente depois de amanhã, 7 de setembro — pensei — vão içar em um deles a Bandeira Nacional, em outro o Pavilhão particular dos Braga. Sinto-me altamente presidencial — talvez um pouco mais do que isso. Esses retratos dos imperadores, essas gravuras antigas, o mau gosto pomposo dessas mobílias enormes em salões de pé direito tão curto, tudo é Monarquia e é também Estado Novo.

(Houve um momento em que o Estado Novo chegou a ter uns tons monárquicos, e se durasse mais tempo creio que voltaríamos ao beija-mão, como expressão distinta do puxa-saco republicano).

Acho que tomei um uísque a mais lá embaixo, no bar. A caneta treme em minha mão. A pena de ouro luz e treluz, à luz dos lustres.

Mas tenho um ataque de sabedoria e não assino nenhum decreto, nem mesmo um decreto-lei. Deito-me na modesta cama patente e pego o volume de Montaigne que trouxe na mala. Mas acontece algo de estranho: aqui, nestes salões atapetados onde já dormiram um rei e vários figuras republicanas, meu velho Montaigne me dá sono: creio que ele está ficando burro. “Ou eu” — penso, desconfiado, apagando a luz.

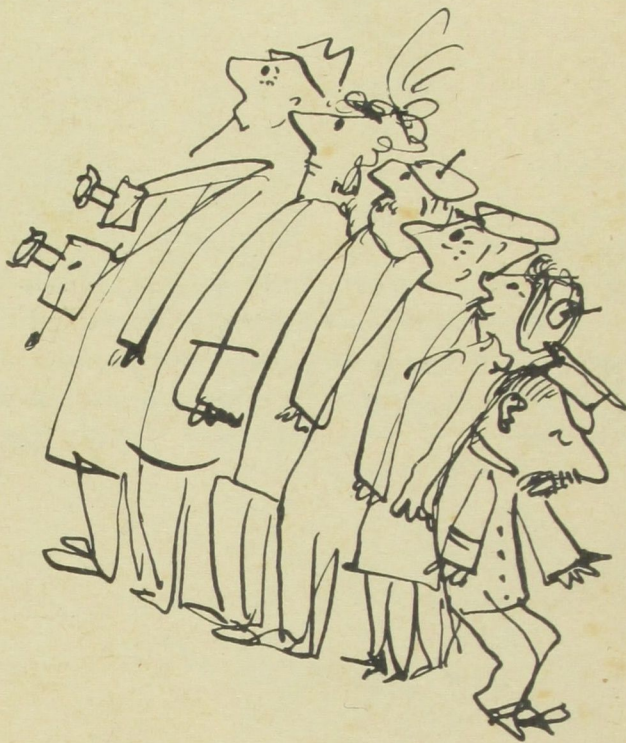
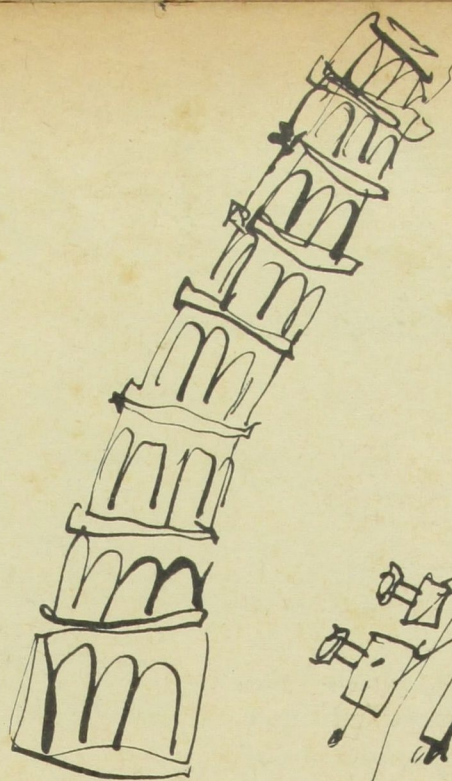
E durmo um grande sono, burro e feliz.

Em 1937 formou-se e partiu sem muita convicção para sua Laguna natal, onde advogou, foi professor de ginásio e ficava muito perturbado com a menina Abigail de testa grande e sorriso lindo a quem ensinava latim e piano, esqueceu os 15 anos de diferença e casou-se com ela, hoje tem duas meninas e a maior ainda não tem 4 anos, e é considerado pelos amigos o marido exemplar, esse homem que em tantas noites de rádio não acompanhou somente ao piano as melhores cantoras de seu tempo.

Excelente advogado, defende inclusive os interesses de "A Exposição" e como é um rapaz direito vai comprar lá agora um piano em módicas prestações, para se deleitar em casa. Não aceita cobranças, é advogado de vários escritores e jornalistas como Vinícius de Moraes, Paulo Mendes Campos, Lúcio Rangel e R. B., e perdeu o desquite litigioso de Vila Lobos: "em música ele para mim é gênio, mas como marido era indefensável".

É o mais atento e delicado dos amigos e bebe seu uísque com moderação porém constância. Dá-se bem com todo mundo e é crítico de música da "Tribuna da Imprensa" depois de tê-lo sido da "Tribuna Popular". Acredita acima de tudo em Bach, seguindo-se Chopin e Prokofief; na música popular brasileira antiga, em Anacleto de Medeiros, Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazaré. Acha que Guiomar Novais está muito acima de qualquer outra pianista nacional. Dos cantantes populares prefere, da velha guarda, Sílvio Caldas, Arací, Carmen Miranda ("pela sua grande personalidade") Elizinha Coelho, e do pessoal mais recente Elizete Cardoso e Nora Ney — "estou no auge do encanto por Nora Ney". Quanto ao jazz — "gosto daquele que Lúcio Rangel, Marcelo Miranda, José Sanz e outros entendidos ou mascarados acham ruim". Acho que eles deviam entender menos de música americana e mais da brasileira, muito mais rica".

Uma vez, no palco do Cinema Capitólio, em Petrópolis, Orlando Silva disse: "agora vou interpretar "Rosa", de Pixinguinha, acompanhado ao piano pelo saudoso Mário Cabral", e Mário até hoje tem o apelido de saudoso, o que lhe dá um ar ligeiramente falecido; uns o acham parecidíssimo com Fred Astaire, outros com o finado Mário de Andrade, apenas mais claro e mais magro. Acha excelente viver, mas se tiver mesmo de morrer prefere que isso aconteça ouvindo "Jesus, alegria dos homens", coral de Bach.



A POESIA É NECESSÁRIA

SIGO DEPRESSA

Sigo depressa, machucando a areia.
Carrapicho me arranhou.
Caules gordos brincam de afundar na lama.
Galinhos fazem psiu.

*Trecho do poema
"Cobra Norato",
de Raul Bopp.*

Deixa eu passar, que vou pra longe.
Moitas de erva picão cortam meus passos no caminho.

Ai, Pai do mato,
quem me quebrou com mau olhado,
e virou meu rasto no chão?

Ando já com os olhos murchos,
de tanto procurar a filha da rainha Luzia.

O resto da noite me enrola.

A terra agora perde o fundo.
Um charco de umbigo mole me engole.

Onde irei eu,
que já estou com o sangue doendo,
dos quebrantos da filha da rainha Luzia?

Ninguém sentiu a natureza da Amazônia como o louro gaúcho Bopp; nenhum poema brasileiro tem tanto gosto de terra, de água, de árvore, de bicho como "Cobra Norato", com certeza a obra prima do modernismo brasileiro. A estupenda proeza "Macunaima", de Mário de Andrade, é algo de livresco ao lado desses versos do homem que

disse: "a maior volta ao mundo que eu dei foi na Amazônia... O mato e as estrélas conversando em voz baixa..."

Raul Bopp ouviu e contou como ninguém essa conversa. Ele é hoje nosso ministro na Guatemala. Nascido em Tupacaretan, a 4 de agosto de 1898, tem 52 anos de vida e quase tanto de poesia.